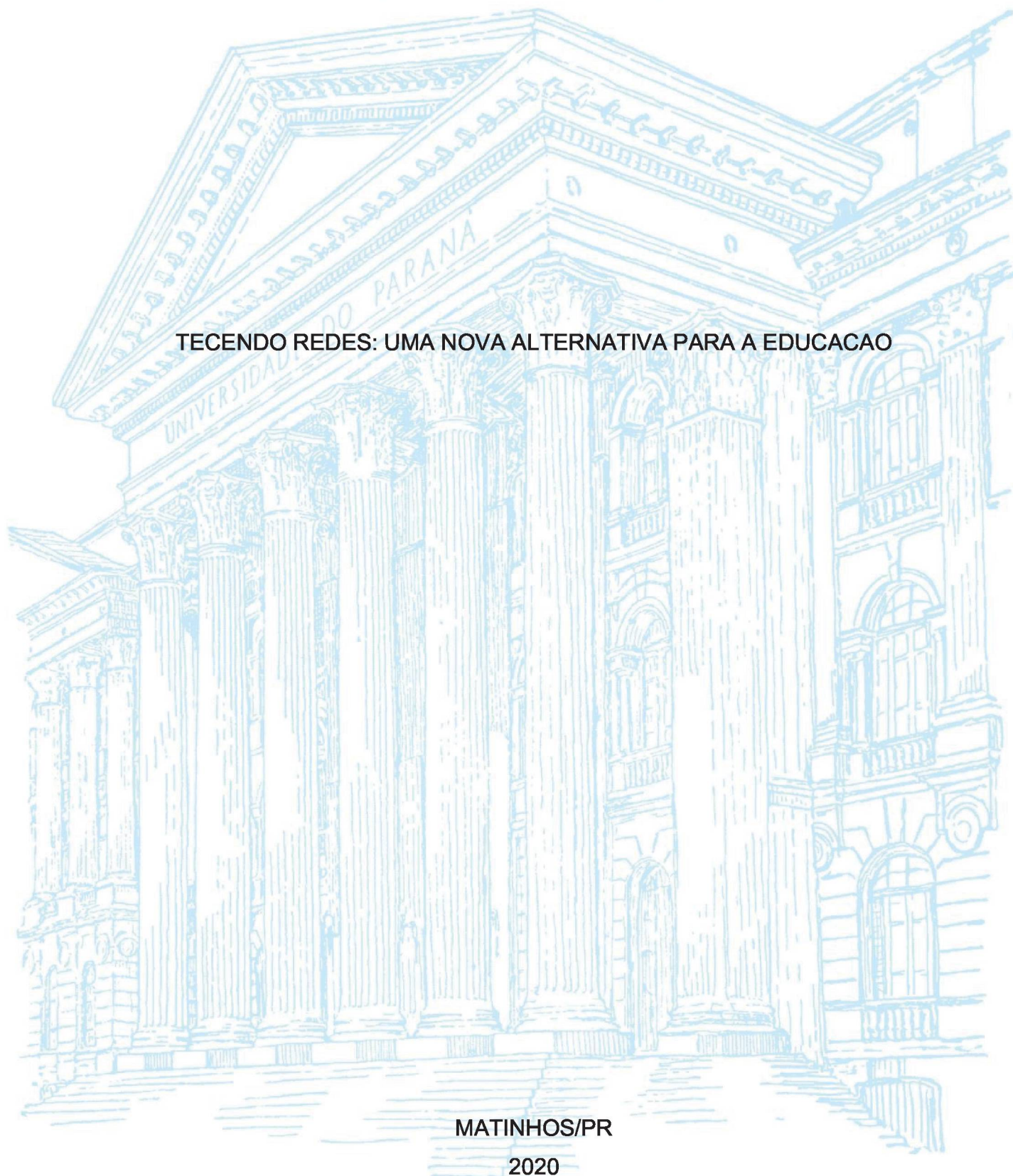


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

RENATA MARCANTONIO SCAIM

TECENDO REDES: UMA NOVA ALTERNATIVA PARA A EDUCACAO



MATINHOS/PR

2020

RENATA MARCANTÔNIO SCAIM

TECENDO REDES: UMA NOVA ALTERNATIVA PARA A EDUCAÇÃO

Trabalho de Conclusão do Curso apresentado ao curso de Pós-Graduação em ANE – Alternativas para Nova Educação, Setor - Litoral, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Educação.

Orientadora: Prof^ª:Ma. Susan Regina

Co-orientador(a): Josililian Alberton

MATINHOS

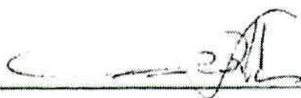
2020

TERMO DE APROVAÇÃO

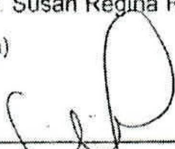
RENATA MARCANTÔNIO SCAIM

TECENDO REDES

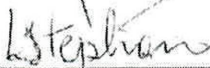
Tese/Dissertação/Monografia/TCC apresentada ao curso de Pós-Graduação em Alternativa para uma nova educação, Setor litoral, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista



Prof(a). Msc. Susan Regina Raitz Cavallet
Orientador(a)



Prof(a). Esp. Josililian Alberton



Prof(a). Esp. Samyra de Lourdes Stephan



Renata Marcantônio Scaim

Matinhos, 05 de dezembro de 2019

Dedico este trabalho a minha criança interior, aos meus filhos Vicente e João e todos os outros filhos que com eles convivem ou que poderão conviver. Na esperança de uma nova humanidade educada para o amor em comunhão com os outros seres do planeta e do universo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a vida que me inspira, me renova e me dá oportunidades de evoluir diariamente, as boas energias que me envolvem que me incentivam e me inspiram, pela sorte de respirar diariamente, pelas experiências e até mesmos os desafios que me motivam a ser quem eu sou e assumir o meu estilo de vida.

***“Há escolas que são gaiolas e há escolas que são
asas.
Escolas que são gaiolas existem para que os pássaros
desaprendam a arte do vô.
Pássaros engaiolados são pássaros sob controle.
Engaiolados, o seu dono pode levá-los para onde quiser.
Pássaros engaiolados sempre têm um dono.
Deixaram de ser pássaros.
Porque a essência dos pássaros é o vô.
Escolas que são asas não amam pássaros engaiolados.
O que elas amam são pássaros em vô.
Existem para dar aos pássaros coragem para voar.
Ensinar o vô, isso elas não podem fazer, porque o vô já nasce
dentro dos pássaros.
O vô não pode ser ensinado.
Só pode ser encorajado.”***

Rubem Alves

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo compartilhar com os leitores as experiências vivenciadas na aplicação deste projeto educacional alternativo dentro de um modelo atual e conservador de educação. No papel de representante dos pais no Conselho Deliberativo Escolar da Escola Estadual Básica Padre Vicente Ferreira Cordeiro, instituição de ensino situada na Praia da Pinheira em Palhoça/SC, entre setembro de 2018 a dezembro de 2019, buscando apresentar diferentes caminhos educacionais aos estudantes (pertencentes a doze comunidades do entorno), educadores e comunidade da indigitada escola. Com intuito precípua de possibilitar a troca de experiências, incentivar o respeito pelo conhecimento do outro, ressaltar as habilidades múltiplas e viabilizar a abertura para o diálogo, estas ações tiveram como alicerce o próprio Projeto Político Pedagógico da instituição de ensino em comento. Por meio de diferentes práticas educacionais almejou-se a construção coletiva, a descentralização com relação à hierarquia e o respeito pela diversidade. Através de novas e diferentes vivências educativas, intentamos constituir oportunidades de mudança e de soluções para os desafios da escola. Diante dos potenciais da escola, da comunidade escolar e do território de aprendizagem, visando ações e métodos educativos que pudessem possibilitar o desenvolvimento integral do estudante como agente transformador da sua realidade e da sociedade, motivando-os a trabalhar em prol do coletivo e de boas causas.

Palavras-chave: comunidade de aprendizagem, escola pública, educação transformadora, transformação social

RESUME

This work aims to share with readers the experiences of applying this alternative educational project within a current and conservative model of education. In the role of parents' representative on the School Deliberative Council of the Basic School Padre Vicente Ferreira Cordeiro, educational institution located in Praia da Pinheira in Palhoça / SC, between September 2018 to December 2019, seeking to present different educational paths to students (belonging to twelve surrounding communities), educators and the community of the nominated school. With the primary intention of enabling the exchange of experiences, encouraging respect for the knowledge of others, emphasizing multiple skills and enabling openness for dialogue, these actions were based on the Pedagogical Political Project of the teaching institution in question. Through different educational practices, collective construction, decentralization in relation to hierarchy and respect for diversity were sought. Through new and different educational experiences, we aim to provide opportunities for change and solutions to school challenges. Faced with the potential of the school, the school community and the learning territory, aiming at educational actions and methods that could enable the integral development of the student as an agent that transforms their reality and society, motivating them to work for the collective and good causes.

Keyword: learning community, public school, transformative education, social transform

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – A ALEGRIA DE APRENDER JUNTO COM O OUTRO	11
FIGURA 2 – PINTANDO OS MURO DA ESCOLA	12
FIGURA 3 - O APRENDIZADO SE FAZ NA TROCA E COM ALEGRIA	13
FIGURA 4 - RODA DE CONVERSA	15
FIGURA 5 - ESCOLA NA ESCUTA	16
FIGURA 6 - PAINEL INFORMATIVO PARA OS PROFESSORES	16
FIGURA 7 - DANÇA E RITIMO AFRICANO	17
FIGURA 8 - YOGA	17
FIGURA 9 - TEATRO	18
FIGURA 10 - RADIO ESCOLA	18
FIGURA 11 - TECIDO ACROBÁTICO	18
FIGURA 12 - CRIANÇA/NATUREZA	19
FIGURA 13 - STREET DANCE	19
FIGURA 14 - CAPOEIRA	20
FIGURA 15 - DESENHO	20
FIGURA 16 - VIOLÃO	20
FIGURA 17 - TABELA DE HORÁRIOS DAS OFICINAS	22
FIGURA 18 - GRAFITE	22
FIGURA 19 - SIMULAÇÃO DE SURF	23
FIGURA 20 - MOSAICO	23
FIGURA 21 - OFICINA DAS EMOÇÕES	23
FIGURA 22 - CANTO	24
FIGURA 23 - BASQUETE DE RUA	24
FIGURA 24 - ENCONTRO DE SABARES	24
FIGURA 25 - TODOS APRENDEM JUNTOS	25
FIGURA 26 - APRESENTAÇÃO DO BOI DE MAMÃO	25
FIGURA 27 - HORTA (PARCERIA PROJETO DO MATO AO PRATO)	27
FIGURA 28 - FEIRINHA ORGÂNICA	27
FIGURA 29 - PENSANDO ESPAÇOS NA FORMAÇÃO DOS EDUCADORES	28
FIGURA 30 - ALMOÇO COM PANCS	28
FIGURA 31 - GRUPO DE ESTUDOS JUVENTUDE NEGRA E A EDUCAÇÃO	29
FIGURA 32 - CARTAZ DE DIVULGAÇÃO DO EVENTO	29

FIGURA 33 - ENSAIO FOTOGRAFICO DA JUVENTUDE NEGRA	30
FIGURA 34 - RODA DE CONVERSA JUVENTUDE NEGRA	30
FIGURA 35 - CAPOEIRA COM AS CRIANÇAS	30
FIGURA 36 - EXPOSIÇÃO FOTOGRAFICA	31
FIGURA 37 - COMUNIDADE E A CULTURA	31
FIGURA 38 - PARCERIA COM A UNIVERSIDADE - UFSC	32
FIGURA 39 - ESTRÉIA E RODA DE CONVERSA SOBRE O FILME "O SULI"	32
FIGURA 40 - CIRANDA DO MARACATU	33
FIGURA 41 - PROJETO NA CONANE	34
FIGURA 42 - HELENA SINGER	34
FIGURA 43 - EDA LUIZ - CIEJA CAMPO LIMPO/SP	35
FIGURA 44 - TERESINHA RIOS	35
FIGURA 45 - CELSO VASCONCELLOS	35
FIGURA 46 - TUDO JUNTO E MISTURADO	36
FIGURA 47 - FORTALECENDO OS VÍNCULOS	37
FIGURA 48 - ARTE NA ESCOLA	38
FIGURA 49 - A VOZ É DELES	38
FIGURA 50 -BOI DE MAMÃO CURIOSO	39
FIGURA 51 - CIRANDA DE RODA DO MARACATU	40

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	01
2	MEMÓRIA DE VIDA	04
3	RELATO – PERÍODO DE VIVÊNCIA NA ANE	08
3.1	VIVENDO A ESCOLA ATRAVÉS DA MATERNIDADE.....	11
3.2	VIVÊNCIA E EXPERIÊNCIA DE AUTONOMIA NA CONANE BRASÍLIA.....	33
3.3	VIVÊNCIA E EXPERIÊNCIA DE AUTONOMIA EM CAMPO LARGO.....	36
3.4	VIVÊNCIA E EXPERIÊNCIA DE AUTONOMIA NA CONANE CATARINA...	38
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
5	REFERÊNCIAS.....	43

1 INTRODUÇÃO

São muitos os desafios e potenciais da escola pública brasileira, não é de hoje que nos deparamos com o sucateamento, tanto dos bens materiais, quanto dos recursos humanos das instituições públicas. Percebe-se que, na prática, a educação emancipatória e libertária nunca foi acolhida pelos entes governamentais, tampouco priorizados por estes, nesta seara, o propósito deste projeto é refletir e oportunizar diferentes alternativas educacionais no processo de ensino e de aprendizagem, abrindo espaços para uma releitura sobre o papel social da escola, do currículo, da formação docente e da proposta pedagógica. Trata-se de uma reflexão necessária e de certa forma corajosa, visto que hoje enfrentamos inúmeras dificuldades no complexo sistema educacional brasileiro. A escola, como ente vivo e presente da comunidade, precisa reavaliar o seu pensar, reformulando suas ações tendo como parâmetro a compreensão do que a comunidade escolar deseja enquanto função social da instituição. Trazer este entendimento, qual seja, do que é a escola na sua essência e qual sua proposta frente às diferentes exigências do contexto social em que se encontra inserida é o desafio que se apresenta. Na condição de mãe-representante eleita do Conselho Deliberativo Escolar da Escola Estadual Padre Vicente Cordeiro, instituição localizada na Praia da Pinheira em Palhoça, Estado de Santa Catarina, pude acompanhar no dia a dia, entre os meses de setembro de 2018 e dezembro de 2019, os diferentes desafios e potenciais na escola e, assim, planejar e executar o projeto ora apresentado.

Já nos primeiros meses de trabalho, deparei-me com diversas situações de conflito no interior da escola, tais como, a fuga de alguns estudantes pelo muro, a violência física e, principalmente, a violência na comunicação entre os estudantes e os educadores. Além destes desafios, outros foram se apresentando ao longo do tempo: uso de drogas, gravidez na adolescência, estudantes sem interesse nos estudos, educadores sem interesse nas práticas, aulas vagas, salas ociosas, mau uso de equipamentos e da estrutura física, pouca participação das famílias, excesso de trabalho para alguns funcionários, adoecimento de estudantes e educadores e, por fim, a falta de comprometimento de partícipes que deixaram de acreditar no atual modelo educacional.

Por outro lado, foi possível vislumbrar o enorme potencial da escola, estudantes com diferentes habilidades e conhecimentos transitavam pelos

corredores, a gestão era aberta ao diálogo, muitos educadores ainda com “brilho no olhar”, dedicação e desejo de transformação, um bom espaço físico, além de uma comunidade e um território de aprendizagem riquíssimo, considerando suas características humanas, sociais e ambientais peculiares.

Entre as observações dos desafios e dos potenciais observamos que quase a totalidade da comunidade escolar não possuía conhecimento sobre o conteúdo do Projeto Político Pedagógico (PPP), algo que ao nosso ver, colabora com o aumento dos problemas e dificulta suas soluções. Tendo como inspiração projetos educacionais transformadores de escolas públicas com realidade similar, acreditamos e apostamos que a participação dos estudantes nos projetos (atuando como personagens principais da sua história) é uma das formas mais eficientes de enfrentar os desafios e superá-los.

Desta forma, o objetivo deste projeto foi oportunizar diferentes práticas educacionais que motivassem ao protagonismo do estudante, à construção coletiva e ao respeito pela diversidade, por meio de novas e diferentes experiências e vivências educativas que pudessem criar oportunidades de mudança e de soluções para os desafios da escola. Para tanto, foram utilizados diferentes dispositivos metodológicos, tais como, encontros, rodas de conversas e assembleias, sempre com o escopo de abrir um espaço de escuta para os estudantes.

Uma das primeiras ações que fizemos foi aplicar uma pesquisa, com estudantes e educadores, buscando identificar o que eles pensavam e sentiam com relação à diversos aspectos da escola, após a tabulação dos dados, foi feita a apresentação dos resultados para os membros escolares. Nesta atividade inicial, de reconhecimento mútuo, convidamos os estudantes de cada turma, do 6º ano do Ensino Fundamental II ao 3º ano do Ensino Médio, para participarem de rodas de conversas sobre os temas da pesquisa.

Os encontros dos estudantes, inclusive em formato de assembleias, foram autorizados pelo corpo gestor da escola (direção) e compreensão da maioria dos docentes, por meio da criação de um cronograma das atividades devidamente divulgado em painel informativo afixado na sala dos professores. Assim, com a parceria da escola – na qual todos seus agentes estavam inseridos e participando - criamos várias outras possibilidades de aprendizagem dentro do que o sistema permite, umas inseridas nas outras, todas se complementando, o que possibilitou diferentes vivências educativas. A participação da comunidade escolar foi

imprescindível para garantir as diferentes oficinas no contraturno, também incentivou os projetos pessoais dos estudantes e a integração com a comunidade escolar.

Confirmando, durante as práticas, que a escola é, além de um local de aprendizagem, um espaço de encontro, de humanização, na qual todos estão vivenciando os conhecimentos, compartilhando as diversas formas de compreender e interagir no mundo. Um local que propicia oportunidades para o desenvolvimento de habilidades sociais, críticas e da autonomia. O cerne do projeto baseia-se na identificação dos interesses dos estudantes, suas necessidades, suas aptidões e potencialidades, respeitando sempre sua história e sua cultura para que através do entendimento e bom uso desta sabedoria tornem-se adultos responsáveis e conscientes do mundo e de si próprios.

Desta forma, foi proposto uma parceria com os demais membros da comunidade escolar para oferecer aos estudantes diferentes experiências educativas nas mais variadas áreas do conhecimento. Essas experiências opcionais eram estímulos para o despertar das vocações, interesses e habilidades dos estudantes. A medida que tomavam conhecimento do que estava sendo feito na escola, os estudantes eram sistematicamente estimulados a construir seus próprios projetos educativos pessoais a fim de que pudessem colaborar na sua construção humana em comunhão com o meio que vivem. O trabalho, objetivo contudo complexo, consiste no encorajamento da aplicação de valores que já se destacam no Projeto Político Pedagógico, tais como, como autonomia, responsabilidades e solidariedade, e que, em suma, são finalidades deste projeto.

Sendo assim, foi através da criação de espaços para a escuta, em especial com os estudantes, que se possibilitou pensar e viabilizar projetos pessoais que levassem em consideração as habilidades e interesses de cada um. A rede de apoio criada com a comunidade possibilitou que os estudantes, através de novas alternativas de aprendizagem, pudessem transformar sua realidade por meio da educação, além disso, houve uma reflexão sobre o papel social da escola na atual sociedade e o papel da comunidade neste processo educacional.

2 MEMÓRIA DE VIDA

Eu, Renata Marcantonio Scaim, apresento neste memorial a minha experiência de vida atrelada ao tema da educação, a minha experiência com a escola e com o trabalho comunitário. Percebo a educação além de um direito fundamental que ajuda no desenvolvimento do indivíduo, mas também catapulta o desenvolvimento de um país, a importância do saber vai além do aumento da renda individual ou das chances de se obter um emprego, é por meio da educação que garantimos nosso desenvolvimento social, econômico e cultural. Nascida em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, no final dos anos 70, primogênita de duas filhas que tiveram o privilégio de estudar em escolas privadas de boa qualidade, tenho ótimas lembranças daquele tempo e sinto, diariamente, que muitas das coisas que aprendi quando era uma jovem estudante, em especial meu entendimento de cidadania, estão marcadas na minha condição de mulher educadora.

Os primeiros quatro anos do ensino fundamental, estudei em colégio de freiras, de formação católica e tradicional, apesar dos métodos pouco participativos, era uma escola que possibilitava diferentes experiências que contribuíram para minha formação enquanto educadora. Essas vivências, ainda hodiernamente, fazem-me refletir sobre a importância do ensino alternativo na construção e na formação humana. Daquele período, que corresponderia às séries iniciais, destaco as aulas de música, flauta e ballet clássico. Para Paulo Freire [...] cabe, também, à educação a responsabilidade de abrir as portas da mente e do coração e de apontar horizontes de construção partilhada de sociedades humanas mais humanizadas” (BRANDÃO, 2002, p. 22).

Assim, frequentemente questiono, na minha prática como docente, como garantir que os estudantes tenham diferentes oportunidades de se desenvolver integralmente, em contrapartida ao método histórico das escolas públicas, onde o conhecimento fica restrito às matérias e aos conteúdos curriculares.

Passado alguns anos, quando estava com doze anos de idade, troquei para outra escola chamada Instituto Porto Alegre - IPA, uma instituição privada, metodista e que tinha como valores a liberdade e a responsabilidade, era uma escola transformadora, que possibilitava a autonomia e o protagonismo dos estudantes, que usava diferentes práticas educacionais para despertar o interesse dos alunos. Os espaços facilitavam a socialização, o diálogo, a troca de conhecimentos, era uma

escola tradicional, mas com muitas práticas democráticas e participativas. Neste contexto, lembro-me de ter participado das passeatas pelo *impeachment* do então Presidente da República, fiz parte da geração dos “caras-pintadas” em 1992, junto com professores e colegas. Esta escola foi de grande importância na minha trajetória, seus valores e formas de ensinar deixaram marcas de grande valia e moldaram a maneira com vejo a vida e suas questões filosóficas. A definição de escolas democráticas da Educadora Helena Singer faz todo sentido para mim, segundo ela, três princípios regem esta forma participativa de viver a escola: o primeiro é a autogestão. As pessoas que participam de uma experiência de Educação Democrática são responsáveis por ela. O segundo é o prazer do conhecimento. Acredita-se que o conhecimento traz alegria, prazer, e por isso as pessoas se envolvem com ele, não sendo necessárias punições ou disciplinas. E o terceiro é que não há hierarquia no conhecimento. O conhecimento científico, o conhecimento acadêmico, o conhecimento comunitário, o conhecimento tradicional, o conhecimento religioso, todos os conhecimentos são valorizados, respeitados e crescem justamente no seu contato.

Encerrado o ciclo escolar, descortinava-se a escolha universitária. Aos meus dezesseis anos minha vontade era fazer vestibular para pedagogia, mas parte da minha família não apoiou a decisão, assim, pela imaturidade e para não desagradar à expectativa familiar, prestei vestibular para Direito e, com 21 anos, estava formada e trabalhando como advogada em um escritório tributarista. Do período acadêmico minhas melhores lembranças de aprendizagem eram os encontros, a socialização e as trocas de experiências dos grupos de diferentes cursos na universidade.

Depois de trabalhar quase dez anos na área jurídica e sentir já ter suprido, por tempo suficiente e desnecessário, as expectativas da sociedade e da família, mudei de cidade, de estado e de profissão. Viemos morar em Santa Catarina, eu e meu companheiro, num vilarejo de pescadores e de beleza natural muito presente, chamado Guarda do Embaú. Logo no primeiro ano, resolvi fazer o que sempre tive vontade, ingressei no Curso de Pedagogia de educação à distância. Apesar de não ser um curso regular, aprendi muito. Sempre tive muita vontade de estudar sobre o tema, ouvir e falar sobre a educação sempre me empolgou e mostra quem eu verdadeiramente sou. Desde cedo, lembro o quanto gostava de ir à escola com minhas tias professoras e quanto era divertido ajudar na avaliação dos trabalhos dos

seus alunos. Assim, aproveitei da melhor forma possível o curso de graduação em pedagogia.

Já no primeiro semestre de curso, comecei a trabalhar como professora não-habilitada do Município de Palhoça, dividia minha carga horária em três escolas do campo localizadas na região, nas comunidades Morretes, Albardão e Sertão do Campo. Este tempo foi um divisor de águas no meu caminho na área da educação, naquele momento percebi a escola de outra forma, como um espaço coletivo, de transformação social e comunitária. Paulo Freire diz que “não é a educação que forma a sociedade de uma determinada maneira, senão que esta, tendo-se formado a si mesma de uma certa forma, estabelece a educação que está de acordo com os valores que guiam essa sociedade” (1975, p. 30).

Nos anos de 2012 e 2014 fui gestora da Escola Isolada das Três Barras, instituição multisseriada, nesta escola frequentavam crianças da educação infantil, ensino fundamental I e Educação de Jovens e Adultos. Foi muito enriquecedor para minha construção educacional poder compartilhar o aprendizado das crianças, dos pais e avós, a afetividade que existia fazia toda a diferença no processo educativo, tudo que se propunha era fácil de executar, grande parte da comunidade estava presente nas decisões e ações da instituição, além disso, a escola era o centro de referência da comunidade. Neste sentido, Paulo Freire nos diz que o papel do professor é estabelecer relações dialógicas de ensino e aprendizagem; em que professor, ao passo que ensina, também aprende. Juntos, professor e estudante aprendem juntos, em um encontro democrático e afetivo, em que todos podem se expressar.

Durante este tempo também participei dos movimentos das Escolas do Campo da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Sendo professora também do PROJOVEM Campo, projeto do governo Lula, que marcou época pelas políticas públicas nesta área e que buscava abrir espaços de debate e soluções comunitárias para evitar o êxodo rural e garantir a qualidade de ensino para as escolas do campo. Aprendi muito neste período, foi quando conheci o trabalho do educador José Pacheco e a Escola da Ponte. As discussões sobre escola do campo e educação transformadora eram muito similares e como gestora da escola do campo, coloquei em prática, junto com o grupo docente e discente da escola, vários métodos e dispositivos das escolas transformadoras, enquanto comunidade de aprendizagem. A

escola neste período era um encontro de saberes do povo, era o centro de referência da comunidade como um todo.

Em 2012, me tornei mãe de um menino chamado Vicente, a maternidade veio ao encontro do desejo de uma educação que fizesse sentido tanto para ele como para mim, fortaleceu a vontade de colaborar ainda mais na educação da nossa comunidade para a transformação de um mundo mais justo e igualitário para todos. Em sintonia com o mestre Paulo Freire, que se apresenta como o educador que ao pensar o homem, a sociedade e suas relações, preocupou-se em discutir a educação brasileira e pensar meios de torná-la melhor mediante o compromisso e a participação de todos, na perspectiva de uma educação libertadora capaz de contribuir para que o estudante torne-se sujeito de seu próprio desenvolvimento, diante da presença mediadora que tem o educador. Neste momento, o que antes era apenas uma ideia para mim, tornava-se uma necessidade de transformação do modo de ver a escola, a educação e a comunidade. Todavia, nem sempre dentro do sistema é possível colocar em prática aquilo que realmente deveria ser feito e, na maioria das vezes, não é fácil fazer as transformações devidas. Depois de muitos desgastes com a secretária de educação do município, que resistia às ideias inovadoras que tentava implementar, acabei desistindo da gestão da escola do campo e retornei a sala de aula no Centro de Educação Infantil Nova Geração, na Praia da Pinheira entre os anos de 2015 a 2018.

Durante este período tive experiências muito importantes na minha vida no campo da educação, uma delas foi à participação na CONANE em Heliópolis, diria que foi um “antes e depois”, as experiências e vivências que tive na conferência firmaram meu propósito, ou seja, é possível outro modelo de escola, uma educação que contemple a todos, com qualidade de ensino e que realmente faça sentido para a vida dos estudantes e futuramente da sociedade. Outro desafio, neste período foi o de ser educadora e mãe na escola, poder acompanhar e oportunizar uma boa experiência da escola para o meu filho e para todas as outras crianças foi indescritível. Na minha prática, sempre procurei criar vínculos com as famílias, trabalhar com projetos educacionais e dentro do que era permitido usar as comunidades de aprendizagem do nosso território como espaços de aprendizagem, o que nunca foi fácil, face os entraves administrativos do sistema educacional. Rubem Alves nos diz que a missão do professor não é dar as respostas prontas. As respostas estão nos

livros, estão na Internet. A missão do professor é provocar a inteligência, é provocar o espanto, é provocar a curiosidade, criar a alegria de pensar.

Em 2018 fiquei grávida do segundo filho, João, neste momento me foi concedida licença não remunerada pelo município. E no ano seguinte, meu filho mais velho, entrou no 1º ano do ensino fundamental na escola municipal da comunidade. Seria uma nova experiência na educação, agora no papel de mãe e, infelizmente a experiência não foi positiva, a escola era fechada para as famílias, tudo era muito mecânico, não havia espaços de escuta, a participação da comunidade era restrita a problemas pontuais, os problemas da escola não eram resolvidos com a participação de todos, era tudo resolvido entre poucas pessoas escolhidas pela gestão da escola. Resolvemos trocar ele de instituição, no anseio de encontrar um espaço que fizesse sentido para todos nós da família. Neste contexto, afirma o Professor José Pacheco, que a aula tradicional é um sistema obsoleto de reprodução de conteúdos que deixa a desejar naquilo que é o mais importante objetivo educacional que é a humanização do indivíduo. Matriculamos ele na Escola Estadual Padre Vicente, a maior escola da comunidade, com características bem diferentes da primeira que era uma escola pequena com poucas crianças. Encontramos uma escola com uma gestão democrática, que possibilitava a participação da comunidade e que permitiu que fosse desenvolvido este projeto de especialização. Acredito, assim como Paulo Freire, que ninguém ensina nada a ninguém, mas as pessoas também não aprendem sozinhas. "Os homens se educam entre si mediados pelo mundo". Isso implica num princípio fundamental: o de que o aluno, alfabetizado ou não, chega à escola levando uma cultura que não é melhor nem pior do que a do professor. Em sala de aula, os dois lados aprenderão juntos, um com o outro - e para isso é necessário que as relações sejam afetivas e democráticas, garantindo a todos a possibilidade de se expressar.

3 RELATO - PERÍODO DE VIVÊNCIA NA ANE

A educação é a arma mais poderosa que podemos usar para mudar o mundo, já disse Nelson Mandela, também com ela podemos mudar principalmente a nossa realidade, entretanto, é preciso coragem para inovar, muita empatia e gostar do que se faz para poder transformar. A educação me fascina, me move enquanto ser humano que necessita do outro para se desenvolver, tenho uma vontade intensa de

conhecer mais e mais sobre o processo educacional. Tenho uma inquietude pela busca da novidade, por aquilo que não é conhecido, minha revolução é interna, luto até o final pelas causas que acredito. E nesta caminhada encontrei a ANE, através de um centro comunitário de reciclagem de resíduos, chamado Pro-CREP, localizado na comunidade da Praia da Pinheira. Alguns meses antes da inscrição na UFPR/Litoral estava engajada na revitalização de uma praça pública e acabei sendo convidada pela coordenadora do centro para participar do processo de seleção da universidade. Para minha surpresa fui selecionada, visto que não havia até então, mensurado os desafios, as experiências e os aprendizados que viriam pela frente.

Ter vivenciado a ANE foi um mergulho na experiência de uma educação verdadeiramente transformadora que procura na construção das narrativas de vida dos seus estudantes e colaboradores, o sentido de educar, respeitando as especificidades do sujeito e do meio em que ele se encontra. Além disso, identifiquei uma preocupação em estabelecer com as pessoas, a partir de seu projeto histórico, a reflexão crítica sobre a realidade, permitindo o cumprimento e a inserção de todos. Sobre isto, Paulo Freire afirma a necessidade de o educador assumir o “compromisso com os destinos do país. Compromisso com seu povo. Com o homem concreto. Compromisso com o ser mais deste homem” (2007, p. 25). Através das releituras de Paulo Freire, acredito que neste período de especialização fomos encorajados a coordenar uma ação educativa que buscasse no educando um agente sujeito participante; na instituição um currículo de cultura; e na sala de aula um espaço de diálogo. É em função desses pressupostos que participamos das reflexões para a construção de comunidades de aprendizagem que oferecessem uma educação em que as pessoas se completem ao longo da vida, uma educação capaz de ouvir a todos, participando dessa realidade, discutindo-a, e colocando como perspectiva a possibilidade de mudar para melhor suas vidas por meio do conhecimento.

Neste processo de aprendizagem, alguns conceitos foram elencados como norteadores do projeto, tais como: a interinstitucionalidade, a interterritorialidade a Interdisciplinaridade, a interculturalidade, a intergeracionalidade e por fim a interexperencialidade, o que me permitiu espaços de reflexão sobre a importância das diferentes experiências no processo de instrução. Ao que Paulo Freire afirma, “a práxis, porém, é reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo. Sem ela, é impossível a superação da contradição opressor-oprimido”. (1997, p. 38). A educação reflexiva é norteada para a tomada de decisões e o exercício da prática de

uma responsabilidade política e social. Transformando-se assim, a própria relação entre educador e educando, a qual é apontada pelo pressuposto básico que Paulo Freire estabelece para esta relação, a saber, a prática do diálogo enquanto dimensão essencial no trabalho de compreensão da realidade a partir das experiências do sujeito ensinante, assim como do sujeito aprendente. Portanto, a comunicação entre professor e estudante, no compartilhar de suas experiências pelo diálogo, abre caminhos para uma participação responsável. O diálogo permite o reconhecimento do outro, através do respeito a sua dignidade, o que somente é possível entre pessoas, e o qual se fundamenta na democracia.

Nos conceitos das escolas transformadoras, a ANE baseia seus valores em autonomia, responsabilidade e solidariedade e, neste viés, pude experimentar o que estes representam na teoria. Por vezes, ter autonomia e liberdade no processo educativo nem sempre é tão fácil quanto parece, viemos de uma educação que na maioria das vezes é controladora e fechada, não estamos acostumados a ser autônomos neste processo, pois, nos modelos tradicionais, há sempre alguém que te diz como e quando fazer algo, assim, este conceito pode se confundir com falta de compromisso, neste sentido o educador Jose Pacheco nos diz que autonomia não é um conceito isolado, nem se define em referência ao seu oposto, define-se na contraditória complementaridade com a dependência, no quadro de uma relação social aberta. O conceito de singularidade é-lhe próximo, mas situa-se aquém da autonomia, porque o reconhecimento da singularidade consiste na aceitação das diferenças inter-individuais, enquanto autonomia é o primeiro elemento de compreensão do significado de "sujeito" como complexo individual, a autonomia precede de compromisso com a liberdade. O segundo valor fundamental para uma educação libertadora é a responsabilidade, e este foi um tema importante no processo de formação da especialização, pois percebi que o compromisso com os combinados vão além do fazer, refere-se ao respeito não só consigo, mas com o coletivo, para Pacheco se um ser humano pode reivindicar seus direitos, deve, igualmente, manifestar consciência de que as suas responsabilidades são proporcionais aos direitos que reivindica; responsabilidade pelo outro, compromisso com o todo. E, por fim, mas não menos importante, a solidariedade que esta correlacionada com a autonomia, visto que para o educador a autonomia exprime-se como produto da relação. Não existe autonomia no isolamento, mas relação eu-tu, sendo assim, a autonomia convive com a solidariedade.

Neste período de encontros tivemos a oportunidade fortalecer e ampliar a rede de pessoas que sonham com uma educação emancipatória, libertária e transformadora. Foi muita troca de experiências, conhecimentos e aprendizagem, relações afetivas que marcaram minha história. Percebo a grande importância que ANE teve em minha vida e na minha prática enquanto educadora, as diferentes vivências educativa e, principalmente, os vínculos de amizade e coletividade que se fizeram presentes a cada encontro são laços que não se encerram com o fim da especialização. Nesta perspectiva, Paulo Freire nos diz da necessidade de criar vínculos, da amizade, das relações sociais e humanas, ele afirmava que "gostaria de ser lembrado como aquele que amou as plantas, os animais, os homens e mulheres, a terra..." tal qual o projeto de especialização ANE, que nos convidou a olharmos a nós mesmos, ao outro e ao meio de uma forma mais amorosa e comprometida com a nossa verdade.

3.1 VIVENDO A ESCOLA ATRAVÉS DA MATERNIDADE

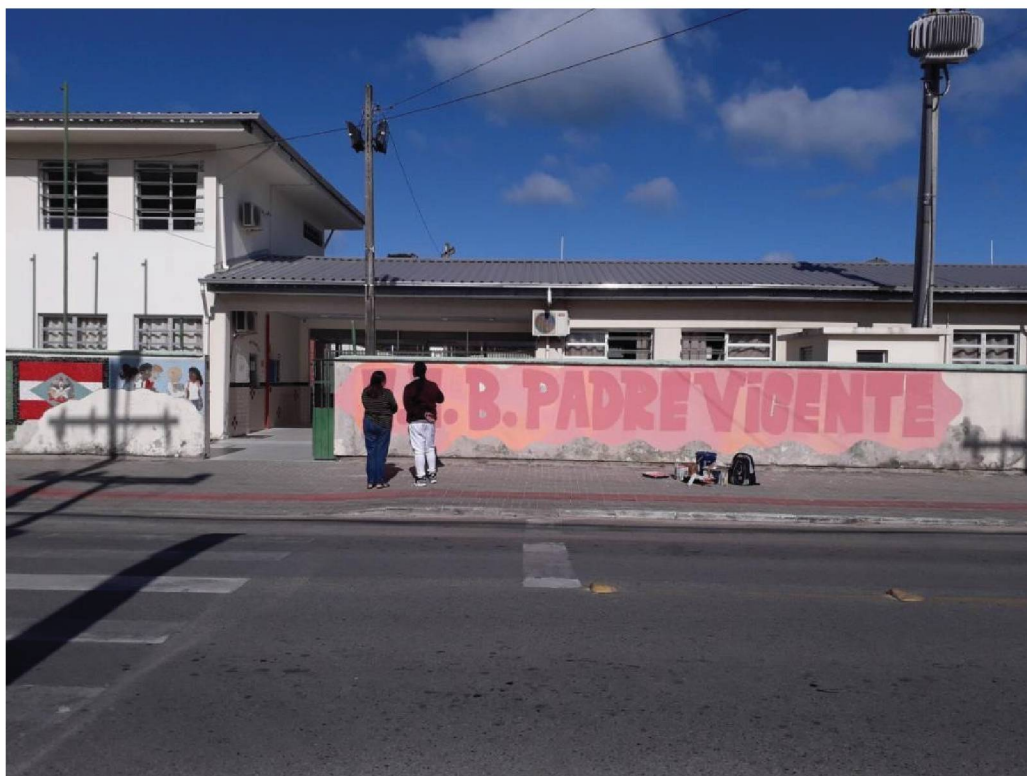
FIGURA 1 – A ALEGRIA DE APRENDER JUNTO COM O OUTRO



FONTE: elaborada pela autora, a partir das vivências na Escola Padre Vicente em 2018.

A Escola Estadual Padre Vicente Cordeiro, situada na Praia da Pinheira, em Palhoça, Santa Catarina, é única escola estadual que oferece Ensino Médio na região da Baixada do Maciambu. Considerada uma região de patrimônio ambiental, compreende as praias da Guarda do Embaú, Praia do Sonho e Praia da Pinheira e as comunidades de Morretes, Passagem do Maciambu, Maciambu, Sertão do Campo, Três Barras e Albardão. O Território da Baixada faz parte de um mosaico de unidades de conservação, sendo a parte terrestre pertencente ao Parque Estadual da Serra do Tabuleiro e o marítimo APA da Baleia Franca. A escola atende, em média, 900 estudantes do 1º ano do ensino fundamental I ao 3º ano do Ensino Médio. Tem no seu território de aprendizagem comunidades de aprendizagem como: Pro- CREP, Centro de Triagem de resíduos do município, a Rádio Comunitária Pinheira, a Sede do Parque Estadual da Serra do Tabuleiro, a Colônia de Pescadores Artesanais, os Engenhos de Farinha, entre outras, seis escolas municipais que atendem o Ensino Fundamental I e II, além de dois Centros de Educação Infantil.

FIGURA 2 – PINTANDO OS MUROS DA ESCOLA



FONTE: elaborada pela autora, a partir das vivências na Escola Padre Vicente em 2019

Este projeto possibilitou criar espaços de participação democrática, em especial com os estudantes, possibilitou pensar e viabilizar projetos pessoais e coletivos levando em consideração as habilidades e interesses de cada um dos agentes envolvidos. Com uma rede de apoio, aos estudantes foram oportunizadas novas alternativas e experiências que permitiram transformar sua realidade positivamente através da educação. Foram aplicados diferentes dispositivos pedagógicos e vivências educacionais. Essas experiências foram na sua maioria aplicadas no contraturno escolar, nas aulas vagas e nos intervalos da escola. Acreditou-se que com o apoio da comunidade e através da participação dos estudantes, em espaços como as assembleias, rodas de conversas, grupos de trabalhos, palestras, oficinas, amostras, exposições e/ou saídas de campo fosse possível contribuir para a formação integral dos estudantes. Conforme um provérbio africano é preciso uma aldeia para educar uma criança, partindo deste pressuposto, o que se pretende é possibilitar uma educação pensando na integralidade, com valores, atitudes e responsabilidades.

FIGURA 3 - O Aprendizado se faz na troca e com alegria



FONTE: elaborada pela autora, a partir das vivências na Escola Padre Vicente em 2019.

Percebeu-se que a escola possuía espaços ociosos de tempo e estrutura, assim se propôs ocupar os vácuos do tempo da escola com diferentes propostas educativas contando com o apoio de todos da comunidade e do território de aprendizagem.

Nas considerações de Paulo Freire:

Você, eu, um sem-número de educadores sabemos todos que a educação não é a chave das transformações do mundo, mas sabemos também que as mudanças do mundo são um que fazer educativo em si mesmas. Sabemos que a educação não pode tudo, mas pode alguma coisa. Sua força reside exatamente na sua fraqueza. Cabe a nós pôr sua força a serviço de nossos sonhos. (1991, p. 126)

No final do ano de 2018, decepcionada com a primeira experiência educacional como mãe busquei uma nova opção de ensino na comunidade e foi na escola Padre Vicente que encontrei a abertura para o dialogo que esperava da instituição de ensino. Logo em seguida, fui convidada a participar do Conselho Deliberativo com intuito de colaborar com as demandas da instituição, que não eram poucas. A primeira ação foi através do Conselho Escolar aplicar uma pesquisa com os estudantes de 6º ano do Ensino Fundamental II ao 3º ano do Ensino Médio. Tratava-se de uma pesquisa criada por um grupo de estudantes de uma escola pública de Brasília, chamado PORVIR que visa obter informações sobre a opinião dos estudantes com relação aos diferentes aspectos da escola. A pesquisa teve o alcance de 350 pessoas, divididas nas diferentes turmas. Pretendia-se entender como eles percebiam a escola, como seria a escola que faria com que eles aprendessem mais e como deveria ser a escola dos sonhos para os estudantes. Diferentes aspectos da instituição foram avaliados, desde administrativo até o pedagógico. Juntamente com essa ação a cada turma que se aplicava a pesquisa era feito o convite para criar um grupo de educandos dispostos a falar sobre a escola.

FIGURA 4 – RODA DE CONVERSA



FONTE: elaborada pela autora, a partir das vivências na Escola Padre Vicente em 2019.

Assim, antes do final do ano fizemos a primeira assembleia com os estudantes, nela apresentamos algumas ideias de transformação através da participação democrática dos estudantes nas decisões da escola, percebemos o quão importante eram esses momentos para os estudantes, que ficavam, por vezes, até um pouco surpresos com a possibilidade de participar de decisões que antes não faziam parte do cotidiano deles, assim, foi possibilitado espaços de escuta ativa na escola que outras atividades como grupos e oficinas acabaram acontecendo ao longo do ano.

Paulo Freire nos diz que é preciso “viver a abertura respeitosa aos outros e, de quando em vez, de acordo com o momento, tomar a própria prática de abertura ao outro como objetivo da reflexão crítica deveria fazer parte da aventura docente” (FREIRE, 2007).

Percebeu-se que a prática de diálogo e escuta é algo que precisa ser exercitado, não é algo natural, aprender a ouvir, a se comunicar de forma não violenta, a sugerir, é algo que precisa ser exercitado.

FIGURA 5 – ESCOLA NA ESCUTA



FONTE: elaborada pela autora, a partir das vivências na Escola Padre Vicente em 2019

No início do ano de 2019, participamos da primeira Semana de Formação dos educadores. No último dia, apresentamos aos professores o resultado da pesquisa e o conceito de participação democrática no qual baseia-se este projeto. Apesar de algumas resistências, seguimos na sua execução. Desta forma, iniciamos o ano retomando as assembleias com os estudantes apresentando os dados da pesquisa e dispondo tempo de escuta ativa, sempre convidando para pensarmos juntos as soluções para os problemas apresentados. Logo na primeira assembleia, foi debatido sobre a falta de respeito em geral das pessoas da escola com relação às diferenças de cor, raça, gênero e religião. Criamos, assim, por sugestão dos estudantes, um grupo de responsabilidade para tratar dos sentimentos e outro sobre juventude negra e a educação.

FIGURA 6 – PAINEL INFORMATIVO PARA OS PROFESSORES



FONTE: elaborada pela autora, a partir das vivências na Escola Padre Vicente em 2019

O próximo passo foi mapear o território de aprendizagem e dialogar com as comunidades de aprendizagem do entorno, integrando esta rede de apoio à escola e vice-versa. Primeiramente na assembleia de pais, esclarecendo as famílias sobre os desafios e potencialidade da escola e propondo novas possibilidades. Na oportunidade, foi feito um convite às famílias para doarem algum tempo ou habilidade para a escolas e cadastramos os interessados. Assim, no final de março de 2019, disponibilizamos uma série de oficinas para o contraturno e, alternativamente, como opção para a aula vaga ou intervalo. Num primeiro momento foram oferecidas as seguintes oficinas: Dança e Ritmos, Yoga, Teatro, Rádio na Escola com apoio da Radio Comunitária Pinheira, Tecido Acrobático e natureza/criança.

Para o educador José Pacheco Escolas são pessoas, e as pessoas são os seus valores, que dão origem a projetos.

FIGURA 7 – DANÇA E RITMO AFRICANO



FONTE: elaborada pela autora, a partir das vivências na Escola Padre Vicente em 2019

FIGURA 8 – YOGA



FONTE: elaborada pela autora, a partir das vivências na Escola Padre Vicente em 2019

FIGURA 9 - TEATRO



FONTE: elaborada pela autora, a partir das vivências na Escola Padre Vicente em 2019

FIGURA 10 – RÁDIO ESCOLA



FONTE: elaborada pela autora, a partir das vivências na Escola Padre Vicente em 2019

FIGURA 11 – TECIDO ACROBÁTICO



FONTE: elaborada pela autora, a partir das vivências na Escola Padre Vicente em 2019

FIGURA 12 – CRIANÇA/NATUREZA



FONTE: elaborada pela autora, a partir das vivências na Escola Padre Vicente em 2019

Logo na primeira semana das oficinas alguns estudantes manifestaram a vontade de participar, oferecendo como instrumento as habilidades que lhe cabiam, e assim, abrimos novas oficinas em que os estudantes eram os oficineiros foram elas: Desenho, Capoeira e *Street Dance*, violão e das emoções.

FIGURA 13 – STREET DANCE



FONTE: elaborada pela autora, a partir das vivências na Escola Padre Vicente em 2019

FIGURA 14 – CAPOEIRA



FONTE: elaborada pela autora, a partir das vivências na Escola Padre Vicente em 2019

FIGURA 15 – DESENHO



FONTE: elaborada pela autora, a partir das vivências na Escola Padre Vicente em 2019

FIGURA 16 – VIOLÃO



FONTE: elaborada pela autora, a partir das vivências na maternidade em 2019

Alguns desses projetos também dialogaram com alguns educadores nas suas práticas diárias, como por exemplo: os estudantes que ministravam as oficinas de *Street Dance* e de capoeira praticaram suas artes nas aulas semanais da professora de educação física do ensino fundamental. Com a participação e a mediação da educadora, ambos trocaram informações, conhecimentos e metodologias para o aprimoramento tanto das oficinas dos estudantes como na prática da educadora. “Ninguém educa ninguém, como tão pouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 1997). Portanto:

[...] a educação jamais é uma dádiva, uma doação de uma pessoa que sabe àqueles que não sabem, mas algo que se apresenta como um desafio para educador e educando, um desafio que é a própria realidade composta de situações-problema, de inquietações, de angústias e de aspirações do grupo. Isto constitui a matéria-prima do processo educacional (OLIVEIRA, 2006).

Educar para a cidadania e para a democracia no âmbito educacional pressupõe compreender o que seja educação, seus limites e suas instâncias. Para Paulo Freire “a educação sempre implica programa, conteúdo, método, objetivos”, o respeito ao saber popular, direito que as pessoas têm de saber melhor aquilo que elas já sabem. Ele afirma que: Saber melhor significa precisamente ir além do senso comum a fim de começar a descobrir a razão de ser dos fatos [...] começando de onde as pessoas estão, ir com elas além desses níveis de conhecimento sem transferir o conhecimento (2003, p. 159).

Semanalmente era feito uma tabela com os horários das oficinas, que seriam executada uma vez, alguns dias, alguns meses e, outras, durante todo o ano. As práticas aconteciam na escola ou em algumas das comunidades de aprendizagem do nosso território como a Pro- CREP, a Praça da Reciclagem e a Radio Comunitária Pinheira.

FIGURA 17 – TABELA DE HORÁRIO DAS OFICINAS

— OFICINAS —				
Segunda	terça	quarta	quinta	Sexta
14h30 Dança Manuêl / Caro Sala de Projetos	14h Violão Edi / Isabela Sala de Projetos	14h Yoga Marcela Sala de Projetos	14h SINAEL PAZ Melo Sala de Projetos	14h MANGALUINO E MOURA Sala de Projetos
14h30 Teido Arabiático / Mesa Teia	14h30 OSA Suzana / Cam e Amanda Sala de Projetos	14h Desenho Isa / Karol Sala de Projetos	14h NUNCA Marina Mesa	14h30 CANGIOLA Poder Mesa
15h BADIO ESOLA / Avelino Sala Projetos	15h Musical Maria Pro. César	15h30 Músicas de Trabalho Camila Sala de Projetos	15h Desenho Karol / Mar Sala de Artes	15h30 ESCOLA CAMERON FERRAZ Mesa
16h Teido Arabiático / Mesa Teia	16h30 Yoga Marcela Sala de Projetos	16h Mandala Dona Ana Sala Projetos	16h30 Yoga Sala Projetos	16h30 SIMULADO DE VOTOS REBECCA MARIANO

FONTE: elaborada pela autora, a partir das vivências na Escola Padre Vicente em 2019

Com o passar dos dias, novas oficinas foram surgindo: Mosaico, Simulação de Surf, Futebol de Salão, oficina das emoções, canto, basquete de rua e grafite.

FIGURA 18 – GRAFITE



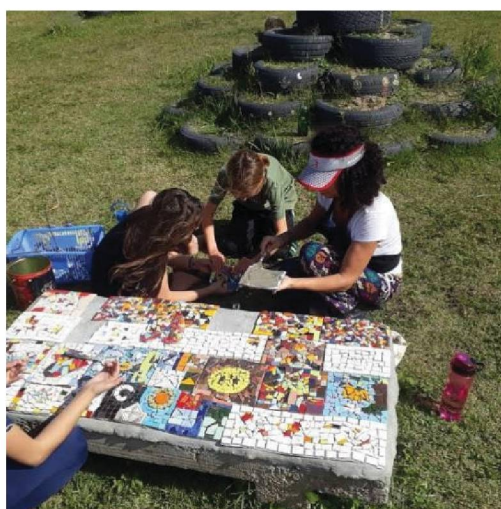
FONTE: elaborada pela autora, a partir das vivências na Escola Padre Vicente em 2019

FIGURA 19 – SIMULAÇÃO DE SURF



FONTE: elaborada pela autora, a partir das vivências na Escola Padre Vicente em 2019

FIGURA 20 – MOSAICO



FONTE: elaborada pela autora, a partir das vivências na Escola Padre Vicente em 2019

FIGURA 21 – OFICINA DAS EMOÇÕES



FONTE: elaborada pela autora, a partir das vivências na Escola Padre Vicente em 2019

FIGURA 22 - CANTO



FONTE: elaborada pela autora, a partir das vivências na Escola Padre Vicente em 2019

FIGURA 23 – BASQUETE DE RUA



FONTE: elaborada pela autora, a partir das vivências na Escola Padre Vicente em 2019

FIGURA 24 – ENCONTRO DE SABERES



FONTE: elaborada pela autora, a partir das vivências na Escola Padre Vicente em 2019

No decorrer do ano de 2019, ocorreram dois encontros com a finalidade de trocar as experiências vividas por cada integrante do projeto, foi um chamado para compartilhar as experiências, de escutar e falar sobre as necessidades, os desafios e o potencial de cada oficina.

Uma das finalidades do projeto foi pensar na inclusão de todas as atividades na sua maioria não tinham critérios de inscrição, todos estudantes da escola puderam participar das oficinas, apenas algumas oficinas tinham limitação de idade.

FIGURA 25 – TODOS APRENDEM JUNTOS.



FONTE: elaborada pela autora, a partir das vivências na Escola Padre Vicente em 2019

Neste sentido a própria carta magna no que se refere a educação deixou assegurada no Artigo 205 da Constituição Federal de 1988, a qual declara:

Art. 205 – A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1988)

FIGURA 26 – APRESENTAÇÃO DO BOI DE MAMÃO



FONTE: elaborada pela autora, a partir das vivências na Escola Padre Vicente em 2019

A oficina da Horta aconteceu em parceria com dois projetos da Ane: “Tecendo Redes” e “do Mato para o Prato”, capitaneado pela colega e amiga Mariama Bacci, desta prática surgiu também as ferinhas orgânicas, que viabilizaram a venda de produtos da horta da escola para as famílias dos estudantes. Neste sentido Leonardo Boff nos diz que “podemos produzir não para acumular riqueza, mas para ter o suficiente e decente para todos, em harmonia com os ciclos da natureza e com o sentido de solidariedade para com as gerações presentes e futuras”.

Na segunda formação dos docentes da escola os projetos Tecendo Redes e Do Mato ao Prato percebendo que a escola que compreendemos ser necessária, é aquela que investe na formação de seus docentes e por essa razão, compreende o docente como elemento fundamental neste processo de transformação social que de acordo com Paulo Freire, como aquele que:

Não se permite a dúvida em torno do direito, de um lado, que os meninos e as meninas do povo têm de saber a mesma matemática, a mesma física, a mesma biologia que os meninos e as meninas das “zonas felizes” da cidade aprendem mas, de outro, jamais aceita que o ensino de não importa qual conteúdo possa dar-se alheado da análise crítica de como funciona a sociedade. (2000, p. 44).

Sabe-se que o educador precisa de apoio para que consiga fazer as mudanças almeçadas para uma sociedade justa e igualitária. É preciso acolher esse educador que está sozinho em sala de aula para que ele realmente tenha clareza de seu currículo, de sua proposta pedagógica, de seu sistema de avaliação no processo de ensino e de aprendizagem, com compromisso, capacidade de agir e refletir sobre a realidade. Nossa intervenção foi na organização do ambiente de formação, proporcionando um espaço acolhedor e amoroso como esperamos que os mesmos façam com os nossos estudantes e um cuidadoso almoço com Pans e com alguns alimentos da horta da escola.

FIGURA 27 – HORTA (PARCERIA PROJETO DO MATO AO PRATO)



FONTE: elaborada pela autora, a partir das vivências na Escola Padre Vicente em 2019

FIGURA 28 – FEIRINHA ORGÂNICA



FONTE: elaborada pela autora, a partir das vivências na Escola Padre Vicente em 2019

FIGURA 29 – PENSANDO NOS ESPAÇOS NA FORMAÇÃO DOS EDUCADORES



FONTE: elaborada pela autora, a partir das vivências na Escola Padre Vicente em 2019

FIGURA 30 – ALMOÇO COM PANCS



FONTE: elaborada pela autora, a partir das vivências na Escola Padre Vicente em 2019

No decorrer das ações, vislumbrou-se a importância de trabalhar o tema da juventude negra na escola, após dois meses de encontros semanais, criamos um grupo de estudo com este assunto. Este grupo organizou um evento denominado “Semana de arte e cultura afrobrasileira”. Foi umas das experiências mais incríveis que pude vivenciar na educação, não poderia imaginar um encerramento mais adequado e especial para o projeto. Sentimos, a cada atividade, a força e o potencial de uma educação autônoma, responsável e solidária. Colocamos em prática, durante os cinco dias que o evento aconteceu, todos os valores de uma escola transformadora, foram desenvolvidas diferentes atividades como: teatro, roda de conversas, palestras, exposição de arte, cinema, entre outras. Os estudantes trabalharam juntos, alunos de

todas as idades puderam contribuir com ideias e ações na execução do evento. Como nos afirma Paulo Freire:

...é preciso que a educação esteja - em seu conteúdo, em seus programas e em seus métodos - adaptada ao fim que se persegue: permitir ao homem chegar a ser sujeito, construir-se como pessoa, transformar o mundo, estabelecer com os outros homens relações de reciprocidade, fazer a cultura e a história [...] uma educação que liberte, que não adapte, domestique ou subjugué. (2006, p. 45)

FIGURA 31 – GRUPO DE ESTUDOS JUVENTUDE NEGRA E A EDUCAÇÃO



FONTE: elaborada pela autora, a partir das vivências na Escola Padre Vicente em 2019

FIGURA 32 – CARTAZ DE DIVULGAÇÃO DO EVENTO



FONTE: elaborada pela autora, a partir das vivências na Escola Padre Vicente em 2019

FIGURA 33 – ENSAIO FOTOGRAFICO DA JUVENTUDE NEGRA



FONTE: elaborada pela autora, a partir das vivências na Escola Padre Vicente em 2019

FIGURA 34 – RODA DE CONVERSA JUVENTUDE NEGRA



FONTE: elaborada pela autora, a partir das vivências na Escola Padre Vicente em 2019

FIGURA 35 - CAPOEIRA



FONTE: elaborada pela autora, a partir das vivências na Escola Padre Vicente em 2019

FIGURA 36 – EXPOSIÇÃO FOTOGRAFICA



FONTE: elaborada pela autora, a partir das vivências na Escola Padre Vicente em 2019

FIGURA 37 – COMUNIDADE E A CULTURA



FONTE: elaborada pela autora, a partir das vivências na Escola Padre Vicente em 2019

FIGURA 38 – PARCERIA COM A UNIVERSIDADE - UFSC



FONTE: elaborada pela autora, a partir das vivências na Escola Padre Vicente em 2019

FIGURA 39 – ESTRÉIA E RODA DE CONVERSA SOBRE O FILME “O SULI”



FONTE: elaborada pela autora, a partir das vivências na Escola Padre Vicente em 2019

FIGURA 40 – CIRANDA PÓS-MARACATU



FONTE: elaborada pela autora, a partir das vivências na Escola Padre Vicente em 2019

3.2 VIVÊNCIA E EXPERIÊNCIA DE AUTONOMIA NA CONANE BRASILIA

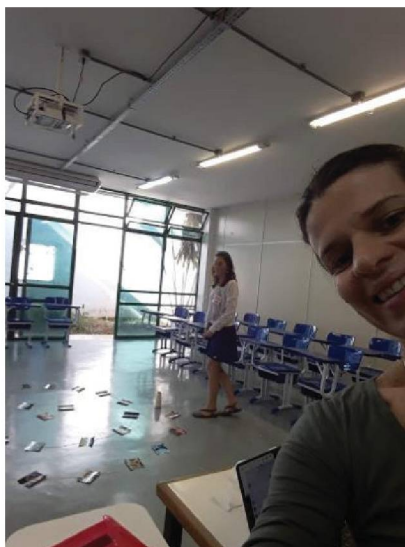
Paulo Freire nos traz para pensar a educação que permita o reencontro com a responsabilidade do trabalho comprometido e responsável com os verdadeiros valores humanos.

Lugar onde se faz amigos, [...]gente que trabalha, que estuda, que se alegra, se conhece, se estima. [...] e a escola será cada vez melhor na medida em que cada um se comporte como colega, amigo, irmão.[.] nada de ser como a o tijolo que forma a parede, indiferente, frio, só. [...] numa escola assim vai ser fácil estudar, trabalhar, crescer, fazer amigos, educar-se, ser feliz.

Vivenciar a Conferência Nacional de Alternativas para uma nova Educação - CONANE na Universidade de Brasília (UnB) foi um desses espaços que nos trazem para a reflexão e conseqüentemente acessam nossa consciência humana. É um lugar de inspiração, com exemplos práticos de experiências inovadoras, uma verdadeira injeção de animo e esperança para o educador que muitas vezes está sozinho na sala de aula.

Houve um momento chamado Caminhos dos Projetos, onde apresentamos este projeto para o público interessado.

Figura 41 – PROJETO NA CONANE



FONTE: elaborada pela autora, a partir das vivências CONANE/2019

Entre muitas inspirações tivemos o privilégio de escutar educadores transformadores como Helena Singer, Teresinha Rios, Eda Luiz, Celso Vasconcellos entre outros.

FIGURA 42 – HELENA SINGER



FONTE: elaborada pela autora, a partir das vivências na Conane/2019

FIGURA 43 - EDA LUIZ – CIEJA CAMPO LIMPO/SP



FONTE: elaborada pela autora, a partir das vivências na Conane/2019

FIGURA 44 –TERESINHA RIOS



FONTE: elaborada pela autora, a partir das vivências na Conane/2019

FIGURA 45 – CELSO VASCONCELLOS



FONTE: elaborada pela autora, a partir das vivências na Conane/2019

O Sentimento no final da conferência é sempre muito positivo, o aprendizado, as vivências, as inspirações, as experiências são enriquecedoras para o educador que tem o privilégio de participar do evento. A CONANE abre portas para a consciência humana que mudam sua vida.

FIGURA 46 – TUDO JUNTO E MISTURADO



FONTE: elaborada pela autora, a partir das vivências na Conane/2019

3.3 VIVÊNCIA E EXPERIÊNCIA DE AUTONOMIA CAMPO LARGO

Para o educador Paulo Freire (2002) se a educação não for transformadora, ela não tem sentido, não adianta os estudantes estarem horas nas salas de aula, se não conseguem aplicar o que aprendem, no seu cotidiano, isto é, a educação tem que ir além dos ensinamentos do muro da escola. Para o mesmo autor, a educação pode ser definida como libertação do indivíduo, libertação das amarras da mente, é o respeito pelos saberes populares de cada ser pensante. Um espaço em que o educando se torne um agente participativo nos acontecimentos do meio em que vive (FREIRE, 2002). Nessa perspectiva, [...] Um dos grandes desafios que se põe ao desenvolvimento do currículo é o de contemplar experiências de aprendizagem que permitam construir estratégias que ajudem o educando a utilizar de forma consciente, produtiva e racional o seu potencial de pensamento e que permitam torná-lo

consciente das estratégias de aprendizagem a que recorre para construir (reconstruir) os seus conceitos, atitudes e valores [...]. (LIBANEO, 2002, p. 4).

As diferentes experiências nos projetos de Campo Largo me inspiraram muito, no sentido de que na educação sempre encontraremos desafios, mas esses podem ser alavancas para a transformação.

O professor/educador precisa acima de tudo ser “humano”, saber olhar o seu entorno e o entorno que envolve os seus educandos, uma vez que, quem educa com afeto pode proporcionar a possibilidade de crescimento pessoal, de conseguir algo por si próprio e fazer com que o educando acredite nele mesmo, sinta e aja como o agente transformador na sociedade em que vive (CHALITA, 2001).

FIGURA 47 – FORTALECENDO OS VÍNCULOS



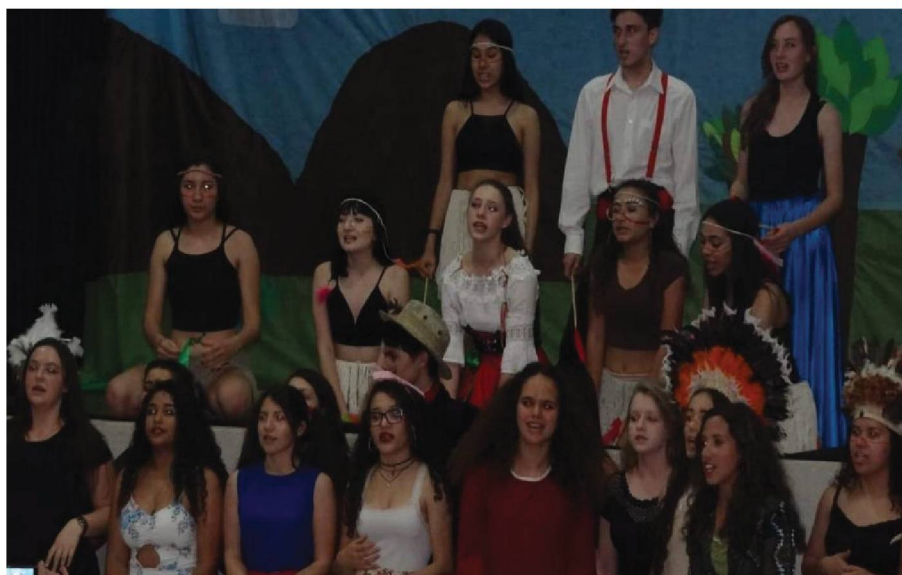
FONTE: elaborada pela Samyra de Lourdes Stefhan a partir das vivências de Campo Largo, 2019.

FIGURA 48 – ARTE NA ESCOLA



FONTE: elaborada pela autora a partir das vivências de Campo Largo, 2019.

FIGURA 49 – A VOZ E DELES.



FONTE: elaborada pela Samyra de Lourdes Steffan a partir das vivências de Campo Largo, 2019.

3.4 VIVÊNCIA E EXPERIÊNCIA DE AUTONOMIA CONANE CATARINA

Quando se pensa em educação nos faz entender as diversas formas pensar. Experiências que nos fazem de alguma forma aprender, refletir e discutir sobre educação, de forma bela e poética na simplicidade das coisas, é um ensinamento valioso para o aprendizado de qualquer aprendiz, fazendo um paralelo entre

professores e educadores há diferentes formas de se ensinar e avaliar, o que se ensina e o que foi aprendido pelos educandos.

Rubem Alves se referia a um estudante que se se tornasse sujeito do processo educacional sendo visto como um acontecimento essencial para a construção do conhecimento e não só como um mero receptor de conteúdos.

Entende-se que o processo de ensino aprendizagem acontece em interações, na socialização, na troca e no compartilhar das experiências. Espaços comunitários são espaços de aprendizagem que favorecem a criação de sentido pessoal e social, quando esses são guiados pelo sentimento de solidariedade, em que a igualdade e a diferença são valores compatíveis e mutuamente enriquecedores para todos acontece o despertar para o conhecimento de mundo.

A experiência da Conane Catarina me fez vislumbrar uma continuação do projeto na escola, fortalecendo os vínculo, tanto com as instituições localizadas no território da escola como com possíveis parcerias interinstitucionais situadas em outros espaços. Percebe-se ainda, a importância de incluir no PPP (Projeto Político Pedagógico) da escola, o projeto para que realmente seja garantido a continuidade do trabalho desenvolvido neste ano, entretanto, com a participação efetiva dos agentes da educação.

FIGURA 50 – BOI DE MAMAO



FONTE: elaborada pela autora a partir das vivências da CONANE Catarina, 2019.

FIGURA 51 – CIRANDA DE RODA DO MARACATU



FONTE: elaborada por Karuna Ga a partir das vivências da CONANE Catarina, 2019.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Rubem Alves nos diz que “Educar é mostrar a vida a quem ainda não a viu. O educador diz: “Veja!” e, ao falar, aponta. O aluno olha na direção apontada e vê o que nunca viu. Seu mundo se expande. Ele fica mais rico interiormente... E ficando mais rico interiormente ele pode sentir mais alegria – que é a razão pela qual vivemos.

As experiências vivenciadas na ANE fortaleceram minha prática como educadora e cidadã, é indubitável que foram aprendizados extremamente enriquecedores. Sinto mudanças profundas na minha prática como educadora, e participar de um processo educacional que tem como base a importância da diversidade, da coletividade e do indivíduo é a razão disto. Aprendi a ficar, cada vez mais atenta à reflexão e à ação sobre os problemas sentidos por cada um e pela sociedade. A cada encontro percebia, em cada indivíduo, uma tomada de consciência, cuja evolução acompanhava as dinâmicas de intervenção e transformação social. ANE traduz-se numa atitude e num comportamento, num modo de estar em sociedade que tem como referência os direitos humanos, nomeadamente os valores da igualdade, da democracia, e da justiça social.

Enquanto ocorreu o processo educativo, as experiências vividas contribuíram para a formação de pessoas responsáveis, autônomas, solidárias que reconhecem e são encorajadas a exercerem os seus direitos e deveres através do diálogo e do respeito pelos outros, com espírito democrático, crítico, pluralista e criativo.

Neste sentido, a escola constitui-se em um importante espaço para a aprendizagem e para o exercício da cidadania, pois nela se refletem inquietações transversais à sociedade que envolve diferentes dimensões educacionais, tais como: educação para os direitos humanos; educação ambiental/desenvolvimento sustentável; educação para a igualdade de gênero; educação intercultural; educação para o desenvolvimento; educação para a paz; voluntariado; educação a saúde e a sexualidade.

O Projeto Tecendo Redes, no âmbito da sua autonomia, incentivou seus estudantes, através do desenvolvimento de projetos e atividades da sua iniciativa, além disso, me possibilitou interagir com os estudantes e a possibilidade de colocar em prática coisas que há anos acreditava, porém não tinha como espaço para executar. Ambos processos visam o desenvolvimento em função das necessidades e problemas específicos das comunidades educativa, em articulação e em resposta a objetivos definidos em cada projeto educativo de agrupamento de escola ou comunidades de aprendizagem.

As diversas dimensões da educação transformadora foram objeto de trabalho em muitas escolas e comunidades, quer transversalmente, quer através de ofertas curriculares específicas e/ou de projetos. Entendeu-se, neste período de partilha, que a educação deve alcançar a consciencialização e a compreensão das causas dos problemas do desenvolvimento e das desigualdades em nível local e mundial.

Além disso, debatemos temas de muita importância que visam à promoção da igualdade de direitos e deveres de todos os envolvidos no processo educativo, através de uma educação livre de preconceitos e de estereótipos de gênero, de forma a garantir as mesmas oportunidades educativas e opções profissionais e sociais. Este processo configurou-se a partir de uma progressiva tomada de consciência da realidade, tendo em conta a sua evolução histórica, na perspectiva de uma mudança de atitudes e comportamentos.

As práticas tanto vividas na execução do projeto como nos encontros da Ane apontaram suas atividades para a conscientização da importância do patrimônio cultural, no quadro da tradição universal de interdependência e solidariedade da diversidade. Além disso, tivemos experiências de valores fundamentais: solidariedade, entajuda e trabalho coletivo, que contribuíram para aumentar a

qualidade de vida e para impulsionar o desenvolvimento harmonioso dos envolvidos neste processo educacional.

Foi um processo de consciencialização, de promoção de valores, de mudança de atitudes e de comportamentos face ao ambiente interno e externo, de forma a preparar os estudantes para o exercício de uma cidadania consciente, dinâmica e informada. Neste contexto, é importante mencionar que fomos incentivados a utilizar o conhecimento para interpretar e avaliar a nossa realidade, para formular e debater argumentos, para sustentar posições e opções, capacidades fundamentais para a participação ativa na tomada de decisões fundamentadas no mundo atual.

Através das diferentes experiências vivenciadas na participação e execução do projeto houve uma aquisição de conhecimentos, capacidades e atitudes que incentivaram e proporcionaram meu desenvolvimento de ideias, de iniciativas e de projetos, no sentido de inspirar a criar, inovar ou proceder a mudanças na área de atuação de cada ação perante os desafios que a sociedade nos coloca.

Por fim, ter vivido os projetos ANE e Tecendo Redes me disponibilizou informações que sustentam minhas opções individuais de escolha mais criteriosas, contribuiu para minha formação de comportamentos solidários e responsáveis, os direitos individuais e as suas responsabilidades diante de um desenvolvimento sustentável e produzido ao bem comum. A proposta de uma nova alternativa para educação me fez entender mais claramente o reconhecimento e a valorização da diversidade como uma oportunidade e fonte de aprendizagem, bem como um sentimento de pertença comum à humanidade.

REFERÊNCIAS

- ALVES, R. Alegria de ensinar. Campinas, SP: Papirus; Rubem Alves M.E., 2000.
- ALVES, Rubens. A Escola com Que Sempre Sonhei sem Imaginar Que Pudesse Existir. 1. ed. Campinas: Papirus, 2001
- BARRETO Vera. Paulo freire para educadores. 5. Ed. São paulo: arte & ciência, 2003.
- BRANDÃO, C. A educação popular na escola cidadã. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BOFF, Leonardo. Saber cuidar: ética do humano- compaixão pela terra. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999
- CHALITA, G. Educação: A solução está no afeto - São Paulo: Editora Gente, 2001.
- GADOTTI, Moacir. Convite à leitura de Paulo Freire. 2ª ed.; São Paulo: Scipione, 1991
- FREIRE, P.& ILLICH, Ivan. Diálogo. In: Seminario Invitación A Concientizar y Desescolarizar: Conversación permanente, Genebra, Atas. Buenos Aires, Búsqueda-Celadec. 1975
- FREIRE, Paulo. Ação Cultural para a Liberdade: e outros escritos. 6 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- _____, A Educação na Cidade. São Paulo: Cortez; 1991.
- _____.Pedagogia do oprimido. 63. Ed. Rio de janeiro/São Paulo: paz e terra, 1997.
- _____.Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Unesp, 2000.
- _____,Um legado de esperança. São Paulo: Cortez, 2001.
- _____,Aprendendo com a própria história Vol. 2. 2ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- _____, Cartas a Cristina: reflexões sobre minha vida e minha práxis. 2ª ed. São Paulo: UNESP, 2003.
- FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. 35 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007. (Coleção Leitura)
- LIBÂNEO, J. C. Adeus professor, adeus professora? Novas exigências educacionais e profissão docente. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2002
- PACHECO, Jose Pequeno Dicionário de Valores, editora SM. São Paulo, 2012
- PACHECO, José, *Aprender em Comunidade*. editora SM. São Paulo, 2014
- PACHECO, José, *Uma escola pública em debate*. Cortez Editora. São Paulo, 2015
- OLIVEIRA, I. A. de. Filosofia da Educação: reflexões e debates. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

SINGER, Helena. República de Crianças – Sobre experiências escolares de resistência, São Paulo: Hucitec, 1997. Mais informações em reportagem da Revista Sociologia.